

Apresentação 1

TRAUMA ATUAL E SEDUÇÃO ORIGINÁRIA: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto¹

Lara Stresser Schmitt*²

Introdução

A Teoria da Sedução Generalizada (TSG), proposta por Jean Laplanche (1922) retoma a teoria freudiana do trauma, mas não aquele trauma focal, e sim uma sedução originária por parte do adulto, em direção à criança, o que resulta na fundação do psiquismo do infante. Nesta situação, nomeada “Situação Antropológica Fundamental”, o adulto emite à criança mensagens não verbais, verbais e comportamentais, que carregam significações sexuais inconscientes. (Laplanche, 1992a). Estes significantes são transmitidos por meio do cuidado, e ao mesmo tempo em que seduzem, traumatizam, pois não são significantes transparentes, isto é, não envolvem apenas o cuidado, são opacos e veiculam um enigma, tanto para o adulto, que se vê às voltas com algo que lhe é estranho, isto é, seu inconsciente, que inevitavelmente entra em cena neste encontro, e é enigmático também para a criança, que não possui os códigos para a decifração da mensagem. Isto significa que a mãe não apenas cuida do bebê, no plano do apego ou autoconservativo; o cuidado

encontra-se rapidamente ‘comprometido’, quer dizer, infiltrado por elementos sexuais vindos da parte do adulto. É isso que desencadeia um processo, primeiro no adulto e, em seguida, na criança, a qual, em suma, se acha desorientada por mensagens que não compreende mais como compreendia, porquanto eram simplesmente mensagens de amor e de apego. (Laplanche, 2007, p. 11).

É justamente isto que Laplanche (1989) chama de sedução, de intrusão da sexualidade materna, e é onde reside o enigma: “A sedução pode ser descrita como irrupção do sexual no não sexual da criança, ou seja, irrupção na autoconservação.” (p.76).

1 Pós Doutor em Psicanálise pela Universidade Paris 7. Professor do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá.

2 Psicóloga. Especialista em Saúde Mental, Psicopatologia e Psicanálise (PUC PR). Aluna regular do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá. Linha: Psicanálise e Civilização.

É importante dizer que este movimento de fundação do inconsciente ocorre em dois tempos. No primeiro deles a criança é passiva, apenas recebe os significantes transmitidos pelo adulto – este já possuidor de um inconsciente sexual. É o tempo da implantação. Já o segundo tempo, *après-coup*, todavia, exige uma atividade por parte da criança, pois diz respeito à ação dos significantes como um verdadeiro corpo estranho interno, que, por não conseguirem se integrar ao tecido psíquico, demandando tradução. Sobre esta ideia dos dois tempos, Laplanche concorda com Freud (1915), quando este, em “O inconsciente” (1915) discorre sobre o recalçamento originário e o recalçamento propriamente dito. Voltando rapidamente ao texto, para Freud (1915, antes do recalçamento originário não há distinção entre os sistemas psíquicos; o que realmente caracteriza o recalçamento originário são as representações implantadas, fornecidas pelos adultos, sendo a primeira e mais importante destas o seio, órgão de amamentação e órgão sexual da mulher. (Laplanche, 1992). Esta questão do seio pode ser ilustrada com a seguinte passagem:

No seio da mulher se encontram a fome e o amor. Como conta a anedota, um jovem, que se tornou um grande admirador da beleza feminina, declarou, num dia em que se tinha falado da bela ama de leite que lhe tinha dado de mamar: lamento não ter então aproveitado melhor da boa ocasião. Costumo servir-me desta anedota para ilustrar o fator só-depois no mecanismo das psiconeuroses (Freud *apud* Laplanche, 1992a, p.116).

Freud (1915) denomina estas primeiras representações de sexuais pré-sexuais: inicialmente se apresentam como num limbo, sem significação, e, posteriormente, num segundo momento, seriam intoleráveis, pois significadas e aí recalçadas. Está aí o trauma. Na teoria laplancheana, como vimos, este tempo do limbo é o tempo da implantação da mensagem, em que a criança é passiva, apenas recebendo a mensagem do adulto – este, lembremos, as emite já contaminadas por seu inconsciente sexual, num sentido que lhe escapa.

Com esta excitação interna ocasionada pelo significante implantado, tem-se a origem da primeira pulsão, a de tradução, definida por Laplanche (1992) como o “impacto sobre o indivíduo e sobre o ego da estimulação constante exercida, do interior, pelas representações coisas recalçadas, que podemos designar como objetos-fonte da pulsão.” (p.239). Todavia, a conclusão desta tarefa tradutiva é sempre imperfeita, a mensagem nunca é totalmente decifrada: “Essas mensagens enigmáticas suscitam um trabalho de domínio e de simbolização difícil, para não dizer impossível, que necessariamente deixa para traz restos inconscientes, *fueros*, dizia Freud, a que

chamamos ‘objetos-fontes’ da pulsão.” (LAPLANCHE, 1992, p.138). Com os restos da tradução está feito o recalçamento originário e a fundação do inconsciente, inconsciente este marcado pelo sexual.

O que descrevemos acima se refere ao processo neurótico, “normal” do desenvolvimento. No entanto, há um outro tipo de veiculação de mensagem, por intromissão:

A implantação é um processo comum, cotidiano, normal ou neurótico. Ao seu lado, como sua variante violenta, é preciso dar lugar à intromissão. Enquanto a implantação permite ao indivíduo uma resposta ativa, com sua dupla face tradutiva-recalcadora, é preciso tentar conceber um processo que faz obstáculo a essa resposta, curta-circuita as diferenciações das instâncias em via de formação, e coloca no interior um elemento rebelde a toda metabolização. (Laplanche, 1992b, p.358).

Quando a mensagem é intrometida – variante violenta do processo de implantação, o decorrer é diferente, pois entra em cena o que Laplanche (2003) chama de “inconsciente encravado”, cuja característica principal é o fracasso radical em traduzir e a impossibilidade de historização - pois não há fundação do nível pré-consciente. Neste inconsciente, nada é traduzido, a mensagem permanece do modo como foi recebida, implantada ou intrometida, ficando à espera de tradução, que pode, ou não, ocorrer. É o inconsciente típico do funcionamento psicótico, mas presente também no neurótico³: “O inconsciente dito encravado pode, então ser um lugar de estagnação, mas também um lugar de espera, uma espécie de purgatório das mensagens que esperam.” (p.410). Deste modo, funcionaria assim: inicialmente a mensagem recebida está sob domínio do inconsciente encravado, à espera de tradução, isto é, à espera de se tornar psíquica. Por meio da tentativa de tradução, ela deixaria o inconsciente encravado, e seus restos não traduzidos comporiam o inconsciente sexual, recalçado, o inconsciente tipicamente freudiano. (Laplanche, 2003).

Pois bem, vamos ao trauma. O processo de implantação é, a seu modo, traumático, porém necessário. Traumático porque expõe o infante a certo excesso vindo do outro, excesso este que não dá conta, e por isso mobiliza meios de decifrar o

³ Laplanche (2003) e Dejours, em “La tercera topica” generalizam a todos os seres humanos a coexistência de mecanismos psicóticos e mecanismos neuróticos, independentemente de sua estrutura psíquica. “Entre as duas partes, o limite é flutuante, de um indivíduo a outro, e, segundo os momentos da vida, num mesmo indivíduo.” (Laplanche, 2003, p.410).

enigma, e é necessário, pois é o recebimento destas mensagens que lhe interrogam que vão ocasionar na fundação de seu psiquismo. O processo de intromissão, por sua vez, nos remete ao trauma; no entanto, não ao trauma estruturante e necessário, mas ao trauma desestruturador, nos moldes de *Além do Princípio do Prazer*. Neste texto, Freud (1920) considera traumática qualquer excitação proveniente de fora e que seja suficientemente poderosa para atravessar o escudo protetor. Ele propõe o modelo de uma vesícula indiferenciada, passível de estimulação, para explicar o funcionamento psíquico: em resposta ao impacto dos estímulos externos que lhe atacam, ocorreu a morte da superfície e a formação de uma “crosta” na tal vesícula, que tem por função a defesa. Devido a esta proteção, apenas um fragmento da intensidade da energia oriunda do exterior consegue adentrar a vesícula. Com esta ideia, Freud (1920) põe em destaque o fator econômico, sendo “traumático” tudo o que vem do exterior com força suficiente para atravessar o sistema defensivo.

Diante de uma situação que rompe a proteção, o que fazer para dar conta da energia inesperada? Como o psiquismo reage à esta invasão?

Sendo inevitável a inundação do aparelho anímico por grandes massas de excitação, será necessário o trabalho de dominá-las, isto é, de ligar psiquicamente as quantidades de excitações invasoras, para conduzi-las, depois, a sua tramitação. (Freud, 1920, p.40).

Mas como vincular o trauma? Para Freud (1920) esta tarefa consiste na mudança de um estado de fluxo livre da energia, para um estado quiescente, e, de início, “uma anticatexia em grande escala é estabelecida, em cujo benefício todos os outros sistemas psíquicos são empobrecidos, de modo que as funções psíquicas remanescentes são grandemente paralisadas ou reduzidas.” (p.40), isto porque um trauma não metabolizado tem força de pulsão, não cessa. (Cardoso, 2011). Vê-se, desta forma, que, diante da efração, o psiquismo regride para uma forma mais arcaica de funcionamento, pois é preciso canalizar o que pode deste excesso do trauma justamente para se defender, e é devido à isso que consideramos o trauma atual como uma possível reedição do trauma originário.

Objetivos

O objetivo deste trabalho é problematizar, sob a óptica da Teoria da Sedução Generalizada (TSG), de Jean Laplanche, a relação existente entre o trauma originário

e o trauma atual, se considerarmos este uma reatualização daquele. Em quê se aproximam e em quê se distanciam?

Método

Trata-se de uma pesquisa teórica, fundamentada na Psicanálise, mais especificamente na Teoria da Sedução Generalizada (TSG), criada por Jean Laplanche. A pesquisa é resultado da leitura, fichamento e, por vezes, tradução do material obtido e a tentativa de problematização.

Resultados e Discussão

Com este pequeno resumo introdutório sobre a teoria laplancheana e a breve retomada da teoria freudiana, vemos que, ao falar de sedução originária é imprescindível considerar a alteridade e o encontro criança-adulto. Na TSG o inconsciente não é algo dado, mas construído por meio das mensagens que o adulto emite em direção ao bebê. Laplanche (1989) propõe, aliás, dois pontos de vista em relação ao trauma: o quantitativo e o qualitativo. O primeiro deles se refere à, digamos, uma contribuição externa que provoca uma excitação demasiado forte para que a criança seja capaz de ligá-la; é o fator econômico. O ponto de vista qualitativo, por sua vez, se refere à uma inadequação entre, por um lado, as capacidades de elaboração da criança nesse momento e, por outro, o nível do problema que se lhe apresenta.

Focaremos nossa discussão em torno do receptor da mensagem enigmática, e não do emissor; quanto a ele, sabemos que as emite já comprometidas pelo seu inconsciente sexual.⁴ O que nos interessa é o outro lado: O que faz a criança quando do recebimento desta mensagem? Inicialmente elas são apenas inscritas, não compreendidas. Num segundo tempo, passam a agir como um corpo estranho interno e demandam tradução. Aqui se observa uma mudança de posição: de passiva, a criança passa a ser ativa, para tenta dar conta deste enigma que lhe interroga. Por meio da tentativa de tradução da mensagem, é fundado o nível pré-consciente, “que corresponde à maneira pela qual o sujeito se constitui, representa sua história.” (LAPLANCHE, 2003, p. 407).

⁴ Quanto a isso, aliás, Laplanche (1992a) critica Ferenczi (1933) em seu texto “Confusão de línguas entre o adulto e a criança”, pois este não leva em consideração que a diferença essencial não é entre o adulto e a criança, mas no adulto mesmo, enquanto possuidor de um inconsciente. “Mas como Ferenczi, que tanto insistiu na *criança existente em cada adulto*, como ele pôde neste momento reduzir o adulto... ao adulto?” (p.269). Não se trata, portanto, de uma vaga confusão de línguas, mas de uma inadequação das linguagens, inadequação da criança ao adulto, mas também inadequação do adulto ao objeto-fonte que age nele mesmo.

Como vimos, o trauma, enquanto excesso, por não conseguir se vincular ao conjunto de representações do inconsciente sexual, permanece como um elemento isolado, ficando no inconsciente encravado, à espera de tradução. Além disso, como afirma Cardoso (2011) “a violência do traumático concerne à impossibilidade de historicização.” (p.75); assim, a situação traumática, caracterizada pela intromissão da mensagem, impede que ela seja traduzida, ficando aquém do recalçamento e permanecendo, como dissemos, no inconsciente encravado, aquele em que nada é traduzido. Aqui surge uma questão: Uma mensagem intrometida, variante violenta da implantação, nunca será traduzida? Permanecerá sempre como um elemento isolado, não elaborado?

Ainda, podemos considerar todo trauma atual como uma reatualização da “Situação Antropológica Fundamental”? Sabemos que o trauma atual ultrapassa em diversos níveis o trauma originário, mas que relação há entre eles? Lançando mão de todas as medidas defensivas possíveis, vemos que o traumatizado está desamparado, bem como a criança em suas origens. Tal desamparo, oriundo da passividade e do despreparo, nos remete à situação fundante do psiquismo, SAF.

Roisin (2010) não é laplancheano, mas discorre sobre o que ele chama de traumatismos estruturantes e traumatismos desestruturantes e os diferencia em quatro níveis. Em relação aos traumas estruturantes, diz ele: são de origem interna, são necessários, são estruturantes e não excedem a capacidade do infante. O trauma desestruturante, também chamado de trauma de paz/guerra, são de origem externa, são, por sua vez, acidentais, desestruturantes, aniquiladores e excedem a capacidade habitual do sujeito, exigindo um trabalho psíquico para o qual ele não está preparado. Antes de prosseguirmos com as ideias de Roisin (2011), gostaríamos de fazer uma ressalva e dizer que estas ideias vão de encontro ao ponto de vista da TSG, que postula que a fundação do psiquismo é traumática e necessária, ou seja, o trauma estruturante excede e em muito a capacidade do infante, porém é este excesso que o fará um hermeneuta, na tentativa de tradução disto.

Parece-nos que uma dos distanciamentos primordiais do trauma atual e do trauma originário se refere à questão do modo de veiculação da mensagem: enquanto neste ela é implantada, naquele ela é intrometida, e é isso o que ocasiona o desenvolvimento da neurose traumática, pois neste situação a experiência não consegue ser integrada pelo psiquismo, há um fracasso radical em traduzir (Cardoso, 2011), diferentemente do trauma originário, que excede sim a capacidade do infante, mas um excesso que o impulsiona à tentativa de tradução.

No entanto, consideramos que existem mais argumentos a favor da aproximação dos dois traumas do que seu distanciamento, principalmente porque, numa situação de catividade, por exemplo, situação esta potencialmente traumática e provocada por um outro humano, a assimetria se mantém, bem como na SAF. Quem detém o poder é o adulto, é ele o agressor. À vítima e à criança, despreparadas, cabem receber a mensagem neste primeiro momento, e a posteriori tentar traduzi-la. É sobre este despreparo que Freud (1917) discorreu em *Além do Princípio do Prazer*; isto é, com a invasão de excitação no psiquismo despreparado e a conseqüente efração de seu “escudo protetor”, para se defender ele regride e se desorganiza. “Um acontecimento como um trauma externo está destinado a provocar um distúrbio em grande escala no funcionamento da energia do organismo e a colocar em movimento todas as medidas defensivas possíveis.” (FREUD, 1920, p.40). O susto e o excesso, por meio da intromissão da mensagem, fazem com que recorra ao que pode para sobreviver: O que está acontecendo? Para onde estou indo? Por quê eu? O que ele quer de mim?

É importante lembrar também que o adulto na SAF não apenas excita sua cria; é ele também quem fornece as condições para que o bebê contenha essa excitação, num duplo papel. Isso porque a mensagem que só veicula energia, excitação, é traumática, no sentido mais estrito do termo:

É nesse sentido que a mãe, não em virtude de suas características contingentes mas também por necessidade, é sempre, num certo sentido, ‘má’ ou ‘insuficientemente boa’ (invertendo a formulação de Winnicott); e que é preciso, sem dúvida, que ela seja também ‘suficientemente boa’ para aliviar esse ‘insuficientemente boa’ que está como que implícito na sua função.” (Laplanche, 1992c, p.101).

O problema se dá quando este outro só excita; quando não desempenha seu papel do que Laplanche (1992a) chama de “assistente de tradução”, ajudando a criança a dar conta disto. E aqui vemos um distanciamento do trauma atual e do originário; a impossibilidade de tradução da mensagem intrometida refere-se não só ao modo de veiculação da mesma, mas na falta do duplo papel do outro como aquele que contém a pulsão do infante. Sem este “assistente de tradução” (Laplanche, 1992), é possível que a experiência não seja integrada, haja vista a violência de sua implantação, isto porque

o que enlouquece, excita a criança, é a pulsão. Sem algo que a ligue, ela irrompe, descontrolada, exigindo satisfação e escoamento a qualquer preço. A criança não procura alguém que a contenha, mas que contenha algo dentro dela. (Belo, 2004, p.88).

Conclusão

Com essa tentativa de aproximação dos dois traumas, o atual e o originário, vemos que, lançando mão de todas as medidas defensivas possíveis, o sujeito traumatizado está desamparado, como a criança em suas origens. Este desamparo, oriundo da passividade e do despreparo frente ao excesso de excitação, nos remete, obviamente, à situação fundante do psiquismo, pois há a presença do outro nos dois casos. No entanto, o sujeito traumatizado já é um ser possuidor da dimensão inconsciente do psiquismo, e por isso o trauma atual ultrapassa e em muito o trauma originário, haja vista que o traumatizado já pode fazer uso de medidas defensivas mais elaboradas, por mais violento que seja o traumatismo. Além disso, num segundo trauma, não se trata de um “a mais” que o outro possui, como o adulto na S.A.F., pelo contrário, a vítima de uma posterior situação traumática se vê às voltas com seu inconsciente também, não é apenas o do outro que está em jogo.

Além disso, a medida da intensidade do trauma seria a medida da diferença entre o que é simbolizável e o que não é nas mensagens enigmáticas recebidas, e das condições de elaboração que a situação proporciona. No caso da SAF vemos que a mãe está presente para ajudar a criança na tradução do enigma, já no trauma atual na maioria das vezes este outro apenas excita, e é justamente isso que ocasiona um trauma destruturador, a falta de um “assistente de tradução”, ocasionando, por vezes, o desenvolvimento de uma neurose traumática propriamente dita.

A discussão sobre os traumas atuais interrogam a psicanálise sobre como os sujeitos se defendem ao lidar com o que vem violentamente de fora, envolvendo o susto, a não preparação, o desamparo e a efração. Vemos, com isto, que toda realidade material inevitavelmente influencia a realidade psíquica, e vice versa, cabendo ao sujeito criar sua saída frente a um trauma desorganizador; saídas estas que não podem desconsiderar a história individual do sujeito, em como ele lidou com os primeiros enigmas que se viu fadado a tentar decifrar.

Referências

Belo, F. (2004). Os efeitos da violência na constituição do sujeito psíquico. *Psychè*, VIII (14), 77-94.

Cardoso, M. R. (2011). Das neuroses atuais às neuroses traumáticas: continuidade e ruptura. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 14(1), 70-82.

Freud, S. (1996a). O inconsciente. In: *Obras Psicológicas Completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1996b). Além do Princípio do Prazer. In: *Obras Psicológicas Completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago.

Laplanche, J. (1989). *Problemáticas III: A Sublimação*. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes.

Laplanche, J. (1992a). *Novos Fundamentos para a Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

Laplanche, J. (1992b). *La révolution copernicienne inachevée*. Paris, Aubier.

Laplanche, J. (2003). Três acepções da palavra inconsciente. *Revista de psicanálise da APPOA*, X (3), p...

Roisin, J. (2010). *De la survivance a la vie: Essai sur le traumatisme psychique et sa guérison*. PUF: Paris.

Apresentação 2

REALISMO DO INCONSCIENTE E O PROCESSO, DE FRANZ KAFKA

Telry Shodyi Nakamura*

Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto

Introdução

O tema que desenvolveremos a seguir gira em torno do Realismo do Inconsciente, e para tanto, nos pautaremos no texto de Freud, O Inconsciente (1915/1974), no texto de Laplanche, O Inconsciente e o Id (1981/1992), no artigo, Sugestão, a outra face da sedução: pela cientificidade da psicanálise (2008), de Maia e Andrade e também no texto literário do escritor tcheco Franz Kafka, O Processo (1914/2001). É o próprio Laplanche (1992), no livro citado, que faz figurar em sua argumentação tanto Freud quanto Kafka, dentre muitos outros autores, é claro. Aqui buscaremos seguir um pouco mais a pista deixada por Laplanche (1992, p.101), para discutirmos sobre o Realismo do Inconsciente com a ajuda de O Processo (2001). Antes, falaremos um pouco da vida e da obra de Franz Kafka.

Kafka nasceu em Praga no dia 03 de julho de 1883, e morreu um mês antes de completar 41 anos de idade, no dia 03 de junho de 1924, em Kierling, Áustria, vítima de tuberculose. Filho de Hermann e Julie Kafka, formou-se em Direito e trabalhou como funcionário público, por muitos anos, em um instituto de seguros de acidentes do trabalhador, ao mesmo tempo em que se dedicava à literatura, de forma discreta. Kafka, que escrevia em alemão, deixou à posteridade um acervo literário que, segundo críticos, influenciou de maneira marcante as gerações futuras, e que gravou para sempre seu nome na História, como um dos maiores escritores de todos os tempos, sendo considerado por vários críticos e tradutores literários, entre eles Modesto Carone (2001), como um dos maiores escritor do séc. XX, somente comparável a nomes como Proust e Joyce.

Os escritos de Kafka trazem enredos que se assemelham a sonhos ruins ou a pesadelos, onde as personagens são tomadas por situações inexplicáveis e inverossímeis, viram joguetes do destino, ou presa fácil de alguma autoridade sádica, que simplesmente exerce seu poder sem levar em consideração a fraqueza do subjugado. Através das suas personagens, Kafka, nos traz uma maneira peculiar e surreal de ver o mundo, bela e dolorosa, precisa e absurda, ausente de sonhos ou de ideais de felicidade ou amor. Nada há no submundo de Kafka que possa remeter-se à alegria ou ternura.

Estão entre as obras do escritor: O Foguista (1912), O Veredicto (1912), A Metamorfose (1912), Na Colônia Penal (1914), O Processo (1914), Carta ao Pai (1919), O Castelo (1922) e A Construção (1923).

Para este trabalho ficaremos somente com O Processo (1914/2001), que conta a história de Josef K., um bancário de 30 anos de idade, que certo dia foi detido, acusado de um crime que lhe gerou um processo, ao qual ele tinha que responder. Os guardas que o detiveram não sabiam o motivo da apreensão e muito menos qual crime ele havia cometido. K. então, ao longo de toda a narrativa, vai em busca de saber por quê estava sendo acusado, por quem, e qual lei estava embasando seu processo. Vai em busca da lei, perde-se em meio a burocracia, e cada vez que entra nos labirintos da justiça, vai perdendo-se e perdendo com isso o animo de viver, pois não encontra respostas para nenhum dos seus questionamentos. Por fim, morre nas mãos dos guardas que cravam-lhe uma faca no coração, colocando fim a sua busca de conhecer sua verdadeira culpa.

Apresentaremos a seguir, o objetivo e a metodologia adotados para esse pequeno trabalho, antes de adentrarmos na discussão propriamente dita e nas considerações finais.

Objetivo

Analisar passagens do livro O Processo (2001), de Franz Kafka, tomando também o enredo como um todo apresentado pelo escritor tcheco nessa obra singular, para ilustrar o que seriam os impactos causados pelas mensagens enigmáticas, proposto por Laplanche (1992), no início e ao longo da vida do ser humano.

Método

O presente texto tem na pesquisa em psicanálise sua fundamentação metodológica. Psicanálise “extramuros ou exportada (p.11)”, segundo Laplanche (1992), pois visa a compreensão do que está além da clínica e do tratamento, “extratratamento (p.12)”, por exemplo a religião, a arte, ou seja, os fenômenos culturais.

Utilizaremos o modelo interpretativo proposto pela psicanálise para o entendimento de passagens selecionadas e do enredo de O Processo (2001), de Kafka, como um todo, mas também tomaremos o caminho oposto com o intuito de iluminar e ilustrar os conceitos psicanalíticos propostos por Laplanche (1992), com a “escrita cristalina”, segundo Carone (2001), do escritor tcheco.

Discussão

Laplanche (1992), propõe o texto citado acima para “reexaminar a hipótese do realismo do inconsciente (p.27)”. O autor deixa claro que já fez isso uma vez no artigo que escreveu juntamente com Leclaire, em 1960, para o Colóquio de Bonneval, chamado “O Inconsciente: um estudo psicanalítico”. No texto atual Laplanche (1992), propõe fazer a reflexão a partir do seguinte título: “A referência ao inconsciente, sua comprovação na prática e na teoria”. No Colóquio de Bonneval, Laplanche e Leclaire (1960), segundo Laplanche (1992), criticaram Politzer, por ele considerar que o inconsciente “não teria nem mais nem menos existência que as regras imanescentes a uma partida de tênis (p.114)”. Para Politzer, o inconsciente não seria mais do que uma força (imanescente) que mantém um fenômeno, como por exemplo, o sonho, no entanto, sem conter nada mais do que essa força. O sonho, para Politzer “não é uma expressão inadequada mas, simplesmente, uma expressão não-convencional do desejo (Laplanche, 1992, p.17)”. O sonho não seria produto de um “disfarce” ou de um “conflito psíquico” mas sim, de uma única “intenção significativa”, um único “querer significar”, ou seja, o inconsciente estaria esvaziado, portanto, sem “realismo”, já que não há nada que motive esse sonho, a não ser uma certa força interna sem conflito. Laplanche (1992), chama a atenção para o fato de que essa interpretação de Politzer sobre o sonho, tira algo essencial da psicanálise que é justamente a noção de conflito, comprovada na clínica, e segundo Laplanche (1992), impossível de abandonar.

Se o conflito psíquico é impossível de abandonar, não é difícil perceber que ele só ocorre por incompatibilidades de ideias, de representações que compõem as instâncias psíquicas. Laplanche (1992), cita que Freud fala em “representação” (*Vorstellung*), quando se refere as “representações inconscientes”, encontrando aí já a ideia da materialidade do inconsciente, pois não seria só força, só funcionamento, só desejo, mas o inconsciente conteria traços de memória, ideias, conflitantes, ou seja, representações.

Mas, o texto de Laplanche (1992), retoma a defesa do realismo do inconsciente, não mais só com relação as ideias de Politzer, mas sim, com relação também ao que propõe Lacan sobre o inconsciente, resumida na famosa frase “O inconsciente está estruturado como uma linguagem”. Laplanche (1992) afirma então, que o estruturalismo de Lacan quando levado ao extremo, possui “o mesmo imanatismo (p.114)”, sendo neste caso a “linguagem ou a língua de Saussure (p.115)”, o que é imanescente, ou seja, o que é a força do inconsciente, sem contudo haver necessidade de existir algo mais “realista” nele. O inconsciente para Lacan, “sendo estruturado como linguagem”, remeteria a algo não “realista”, ou ainda a algo

mítico, já que, segundo Maia e Andrade (2008), as origens do inconsciente “ter-se-iam perdido no tempo mítico do totem ou da formação do primeiro sistema linguístico (p.92)”.

Segundo Maia e Andrade (2008), essa é uma das críticas que Laplanche tece a Lacan, sobre as origens do inconsciente, no entanto, os autores afirmam que, além disso, Laplanche contribuiu muito mais, para afirmar o realismo do inconsciente, quando ele teorizou sobre as origens do inconsciente, retomando a teoria da sedução de Freud e generalizando-a, dentro do que chamou de Situação Antropológica Fundamental (SAF). Assim, afirmam Maia e Andrade (2008), sobre o assunto:

A ontologia laplancheana fala, portanto, de um realismo do inconsciente, não certamente no sentido de um empirismo ingênuo que ambicionasse “localizar” o inconsciente na anatomia ou na fisiologia cerebral; mas, sim, na generalização das experiências reais de sedução, as quais dão origem, de maneira nada mítica, ao inconsciente de cada indivíduo (Maia e Andrade, 2008, p.92).

Sedução esta proveniente do cuidado que o adulto dispensa a criança para que ela sobreviva, mas, neste cuidado o adulto transmite a pequeno ser o que Laplanche (1992), chamou de “mensagens enigmáticas”, comprometidas com o inconsciente adulto, portanto, carregado de sexualidade infantil, que se torna excessiva para a criança, que tenta então, a todo custo, traduzir essas mensagens, metabolizá-las para dominá-las. Mas, a criança não conseguiria traduzir ou interpretar todas as mensagens e esse não traduzido formaria um resto, que após o recalçamento primário daria origem ao inconsciente. Estas mensagens “reais”, ou estes restos de mensagens “reais”, seriam então a ontologia realista proposta por Laplanche para o inconsciente. Maia e Andrade, 2008, falam disso nos seguintes termos:

Partir de uma ontologia realista é assumir que há, no psiquismo humano, uma dimensão inconsciente nem mais nem menos importante, nem mais nem menos autônoma, nem mais nem menos singular que a dimensão consciente, com a qual forma um psiquismo complexo e conflituoso, mas não bicéfalo. É admitir que o inconsciente não é transindividual nem, tampouco, 'um conceito científico, uma lei ou [...] uma simples referência' (Maia e Andrade, 2008, p.92).

Pois bem, essa ontologia laplancheana, ou seja, a postulada a partir da Teoria da Sedução Generalizada, e mais especificamente da Situação Antropológica

Fundamental (SAF), está sistematizada no livro *Novos Fundamentos Para a Psicanálise* (1992), publicada em 1987, na França. No entanto, nos anos de 1977-78, ela já estava sendo divulgada pelo próprio Laplanche em suas aulas. Por exemplo, na aula de 07 de fevereiro de 1978, Laplanche (1992), já fala de mensagens enigmáticas, transmitida pela mãe à criança, nos seguintes termos:

No início, há uma espécie de mensagem enigmática, julgamento ou comunicação que se esconde atrás de um comportamento, julgamento que se pode tomar em seu sentido mais kafkiano, pois desse “comunicado ao sujeito”, o sujeito não conhece nem os considerandos nem mesmo o verdadeiro sentido. Tal como em Kafka, só lhe é transmitido o veredicto. O que é o veredicto? Diremos, em síntese, que é o energético puro (Laplanche, 1992, p. 101).

Desta forma, Laplanche (1992), na passagem acima, já está falando em mensagens enigmáticas enviadas pela mãe à criança, e recorre a literatura kafkiana, que é considerada surreal, para ilustrar como a criança recebe essas mensagens enigmáticas, do outro adulto. Aproveitaremos a dica de Laplanche (1992), e buscaremos no enredo de *O Processo* (2001), algumas passagens que possam contribuir ainda mais com a nossa compreensão do que seria o impacto das mensagens enigmáticas do adulto para a criança.

A primeira frase de *O Processo* (2001), começa da seguinte forma: “Alguém certamente havia caluniado Josef K., pois uma manhã ele foi detido sem ter feito mal algum (Kafka, 2001, p.9)”. Mas, Josef K. não queria ficar detido, queria ter a liberdade de sair do próprio quarto e mais, queria saber por quê ele estava sendo detido. Ele tenta sair do quarto:

- Não – disse o homem junto à janela, atirando o livro sobre uma mesinha enquanto se erguia. - O senhor não tem permissão para sair. O senhor está detido.
- É o que parece – disse K. - Mas por quê? - Perguntou então.
- Não fomos incumbidos de dizê-lo. Vá para o seu quarto e espere. O procedimento acaba de ser iniciado e o senhor ficará sabendo de tudo no devido tempo. Ultrapasso os limites do meu encargo quando me dirijo com tanta amabilidade ao senhor. Mas espero que ninguém mais ouça, além de Franz, e até ele é amável com o senhor, contra todos os regulamentos. Se continuar tendo tanta sorte como na indicação dos seus guardas, pode ficar confiante (Kafka, 2001, p.11).

Laplanche (1992), nos indica então que é desta forma que a mensagem do adulto chega a criança, ou seja, uma mensagem que é enigmática ao mesmo tempo que é um “julgamento kafkiano”, pois não dá ao sujeito maiores explicações, não revela o “verdadeiro sentido”, o motivo de ter sido detido. Mas, nós, diferente de Josef K. não precisamos ficar sem saber por quê ele foi detido, podemos usar a própria teoria da sedução generalizada de Laplanche (1992), para supor por quê ele foi assim “tomado em cativeiro”.

O adulto, segundo Laplanche (1992), cuida da manutenção da vida de um pequeno ser, fornecendo alimento, higiene, conforto, enviando mensagens, algumas enigmáticas, outras não. Com esse cuidar, chama o pequeno ser para vida, “seduz” para que o mesmo faça ligações de amor e na maioria das vezes (ainda bem), não dá outra saída ao bebê que não seja a “vida humana”, ou seja, detém, cativa, aprisiona a criança (o senhor (zinho) está detido). “Mas por que?”, perguntaria a criança. “Não fomos incumbidos de dizê-lo.”, diria, na nossa interpretação, os pais da criança. “Vá para o seu quarto e espere. O procedimento acaba de ser iniciado e o senhor ficará sabendo de tudo no devido tempo.”, ou seja, o senhor (zinho) acaba de nascer (na trama Josef K. é detido no dia do seu aniversário de 30 anos), não queira desvendar as mensagens enigmáticas todas de uma vez, diriam os pais, o tempo e a vida trarão algumas respostas. Mas, os nossos supostos pais, não param a advertência ao filho por aí, ainda acrescentam: “Ultrapasso os limites do meu encargo (de pai e de mãe) quando me dirijo com tanta amabilidade ao senhor (cuido com muito amor). Mas espero que ninguém mais ouça, além de Franz, e até ele é amável com o senhor, contra todos os regulamentos (regulamentos sociais: Complexo de Édipo). Se continuar tendo tanta sorte como na indicação dos seus guardas (pais), pode ficar confiante.” Ou melhor: “já teve sorte de ter pais amorosos, você poderia ter nascido em outra situação, mais precária, portanto, de valor ao que lhe foi dado de saída”, segundo a nossa interpretação.

Mas, segundo Laplanche (1992), o ser humano é um hermeneuta nato, um ser interpretativo, e por isso Josef K. não se contentará com as respostas dos guardas (pais) e irá querer saber durante toda a trama porque foi acusado (de ser humano) e o que isso significa. Significaria ter uma identidade? Diz Josef k.:

- Aqui estão os meus documentos de identidade.
- Que importância eles têm para nós? - bradou então o guarda grande. - O senhor se comporta pior que uma criança. O que quer, afinal? Quer acabar logo com seu

longo e maldito processo discutindo conosco, guardas, sobre identidade e ordem de detenção? Somos funcionários subalternos que mal conhecem um documento de identidade e que não têm outra coisa a ver com o seu caso a não ser vigiá-lo dez horas por dia, sendo pagos para isso. É tudo o que somos, mas a despeito disso somos capazes de perceber que as altas autoridades a cujo serviço estamos, antes de determinarem uma detenção como esta, se informam com muita precisão sobre os motivos dela e sobre a pessoa do detido. Aqui não há erro. Nossas autoridades, até onde as conheço, e só conheço seus níveis mais baixos, não buscam a culpa na população, mas, conforme consta na lei, são atraídas pela culpa e precisam nos enviar – a nós, guardas. Está é a lei. Onde aí haveria erro? (Kafka, 2001, p.15).

Aqui, os guardas advertem K. que o importante não é ele ter uma “identidade”, mas sim, viver o “maldito processo” (viver a vida), não terminar logo com ele, pois se as autoridades o acusaram (de ser humano), “não há erro”. Mas se o sentido da vida não é ter uma “identidade”, que possa dizer minimamente quem ele é, qual seria então o sentido da vida? Diante disso, Josef K. pensa em tirar a própria vida:

Surpreendia K. - pelo menos do ponto de vista dos guardas isso o surpreendia – que o tivessem metido no quarto e o deixado ali sozinho, onde sem dúvida tinha dezenas de possibilidades de se matar. Ao mesmo tempo, porém, se perguntou – desta vez do seu próprio ponto de vista – que motivo poderia ter para fazer isso (Kafka, 2001, p.17).

Superado esses pensamentos, Josef K. passa o resto da trama (vida) em busca de respostas, em busca de saber do que estava sendo acusado e porque estava sendo acusado (qual o sentido da vida), em busca da autoridade que o tinha acusado (Deus?), em busca de desvendar os grandes mistérios, segundo a nossa interpretação, em busca de desvendar os seus enigmas e o grande enigma da existência da Vida. No final, ao morrer, K. ainda se pergunta:

Onde estava o juiz que ele nunca tinha visto? Onde estava o alto tribunal ao qual ele nunca havia chegado? Ergueu as mãos e esticou todos os dedos.

Mas na garganta de K. colocavam-se as mãos de um dos senhores, enquanto o outro cravava a faca profundamente no seu coração e a virava duas vezes. Com

olhos que se apagavam, K. ainda viu os senhores perto de seu rosto, apoiando um no outro, as faces coladas, observando o momento da decisão.

- Como um cão – disse K.

Era como se a vergonha devesse sobreviver a ele (Kafka, 2001, p. 278).

Josef K., após buscar respostas por uma “vida” inteira, reconhece que o ser humano morre como todos os outros animais: “como um cão”, e além disso, sem muitas respostas sobre a vida. Se existe “realismo no inconsciente”, tudo bem, mas precisamos de tanto “realismo” na realidade? Ainda bem que temos escritores como Kafka, que nos dão um pouco de “surrealismo”, de vez em quando, pra variar.

Considerações finais

Modesto Carone, um dos tradutores das obras de Kafka para o português, diz o seguinte da obra *O Processo*:

'Alguém certamente havia caluniado Josef K., pois uma manhã ele foi detido sem ter feito mal algum.' Famosa no mundo todo, essa frase lapidar abre as portas de *O Processo*, um dos romances realmente excepcionais da história da literatura. O personagem Josef K. já aparece enredado na trama indecifrável da qual tentará se desvencilhar do começo ao fim da história, mergulhado num labirinto que o adjetivo 'kafkiano' descreve com perfeição. Como sempre, a escrita cristalina de Kafka assegura a permanência do mistério, da angústia, da premonição e do suspense.

Afinal, do que K. é acusado? Quem o acusa? São perguntas que tanto o herói como o leitor formulam sem resposta no transcorrer de uma obra magnífica, responsável pelas imagens mais poderosas do arbítrio e da alienação em nosso tempo (Carone, 2001, prefácio de *O Processo*).

Em nosso texto, tentamos imaginar respostas para as perguntas de K. Não fomos muito longe. Do que ele é acusado? Segundo a nossa interpretação a acusação que pesa sobre K. é ele ser Humano e portanto, culpado, e com agravante, bem descrito no Código Penal brasileiro, em seu art. 288: “Associarem-se mais de três pessoas, em quadrilha ou bando, para fim de cometer crimes (www.jusbrasil.com.br)”, afinal, não nos tornamos humanos sem os outros humanos que já habitam o mundo. Não nos tornamos humanos sem os guardas (pais), sem os

advogados, os juízes, sem a justiça (sociedade), não nos tornamos humanos sem as leis (cultura).

Mas K. não aceita a acusação, não aceita a culpa que caracteriza os seres humanos. Questiona então o que é ser um ser humano, o que é ser um homem, é ter uma “identidade”? Não, pelos menos não em certos momentos da vida, diriam os guardas (pais). O que importa quem você é, diante de outros mais poderosos que nem sabem da sua existência? O que importa saber o que é ser humano, diante de outros questionamentos tão sem explicação, como: qual o sentido da vida? Os guardas diriam: não queira acabar com seu “maldito processo” logo, ou seja, não fique se questionando muito, viva o processo, talvez a vida seja só o processo, sem sentido.

Mas K. não desiste, quer saber quem é aquele que o acusou. Vai em busca da autoridade máxima (Juiz, Deus), que talvez o tenha feito humano, para que possa ver respondido alguns de seus questionamentos. Primeiro pergunta aos guardas, mas eles dizem que não sabem nada sobre isso. Então, busca a justiça, para se defender da acusação, pois não foi lhe dado o direito de simplesmente não ser humano. Josef K. procura, mas, não encontra respostas. Pensa em tirar a vida, mas desiste, pois percebe que isso também não lhe traria respostas.

Nem Josef K. nem nós conseguiremos responder a todos esses questionamentos, não poderemos saber quem o acusou, ou seja, como, em última instância, surgiu a vida, mas podemos, pelos menos, dizer quando começou a acusação, na nossa interpretação, de ser humano. Começou, é claro, no dia do aniversário de Josef K., e segundo Laplanche (1992), no dia do aniversário, ou melhor, no dia do nascimento, o que dá na mesma, de cada um dos seres humanos, pois neste dia começa o Processo, a partir da Situação Antropológica Fundamental (SAF). Nesse dia, o adulto começa a enviar mensagem ao pequeno ser, que na medida do possível também começa a tentar traduzi-las, claro que nunca conseguindo totalmente. Estamos sim, condenados a buscar sentido, condenados a traduzir o que o outro quer da gente, condenados e buscar respostas. Cada um dos homens sobre a terra terá questões a serem respondidas, e por isso buscará suas respostas. E quando será o fim da busca? Não podemos saber antecipadamente. Só sabemos quando foi o começo, ou seja, a partir do dia que nascemos.

Josef K. também suspeita disso, que os questionamentos começaram no dia do seu aniversário, mas pensa que pode ter sido uma brincadeira de seus colegas de trabalho, “brincadeira pesada”, mas por fim, só uma brincadeira. Diz ele:

K. ainda vivia num Estado de Direito, reinava paz em toda parte, todas as leis estavam em vigor, quem ousava cair de assalto sobre ele em sua casa? Ele tendia a levar as coisas pelo lado mais leve possível, a crer no pior só quando este acontecia, a não tomar nenhuma providência para o futuro, mesmo que tudo fosse ameaça. Aqui porém não parecia acertado; na verdade, tudo podia ser uma brincadeira, uma brincadeira pesada, que os colegas de banco tinham organizado por motivos desconhecidos, talvez porque ele hoje completasse trinta anos de idade (Kafka, 2001, p. 13).

Laplanche (1992), defende o realismo do inconsciente, pois dá dia e hora marcada para ele ter seu início em cada um dos seres humanos. Também diz como: a partir da sedução generalizada, ou das formas de sedução generalizada, através de experiências reais, que o adulto com seus cuidados e amor convida o bebê a fazer ligações, a adentrar ao mundo humano, tentando traduzir as mensagens enigmáticas que vem do adulto.

Laplanche (1992), diz ainda que todo esse processo de entrar na vida humana e receber as mensagens do outro é sempre uma situação traumática, para qualquer um e para todos, mas cada um vai sentir e lidar com essa situação de forma diversa. Franz Kafka, parece que soube muito bem disso e teve a capacidade de transformar em histórias tudo aquilo que pressentiu. Se a literatura de Franz Kafka tornou-se universal, Josef K., você não está sozinho em seus questionamentos, estamos com você.

Referências

Freud, S. (1915/1974). O Inconsciente. In: **Obras Completas, vol. XIV**. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Kafka, F. (2001) **O Processo**. (M. Carone, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).

Laplanche, J. (1992) **Novos fundamentos para a psicanálise**. (C. Berliner, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.

Laplanche, J., Leclaire, S. (1992a) **O Inconsciente e o Id**. (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.

Maia, L.; Andrade, F. (2008). Sugestão, a outra face da sedução: pela cientificidade da psicanálise. **Estudo de Psicanálise**, Salvador, n.31, p.86-93.

Apresentação 3
O ESTRANGEIRO JAPONÊS: AS MARCAS DE UM TRAUMA

Edinei Hideki Suzuki*⁵

Viviana Carola Velasco Martinez⁶

Introdução

Este trabalho é parte da minha pesquisa de mestrado que venho desenvolvendo dentro do campo da psicanálise acerca de traumas migratórios. Na dissertação de mestrado, o fenômeno que pretendo pesquisar é imigração japonesa no Brasil, que se iniciou no início do século XX no ano de 1908 e terminou na década de 80. Estendo o meu estudo para as vicissitudes que a marca do imigrante japonês produziu em termos psíquicos nos seus descendentes e a forma como estes últimos tentam e tentaram elaborar sua condição de imigrante. Entretanto, este trabalho que apresento consiste em parte dos achados que venho encontrando no andamento da minha pesquisa, portanto se trata de um recorte, mas também de reflexões que pretendo compartilhar.

O objetivo deste trabalho é pesquisar acerca da organização metapsicológica do imigrante japonês e dos seus descendentes, uma vez que ela se reveste de algumas particularidades que merecem uma tentativa de decifração. Antes de começar a apresentar minha proposta, declaro que ao invés de utilizar o termo imigrante, substituo-o pela palavra *estrangeiro*, isso se aplica aos descendentes também. A adoção desta última credita-se ao trabalho de Julia Kristeva, mais precisamente ao livro “Estrangeiro para nós mesmos” (1994) em que se dedica a pesquisar a questão migratória sob vários aspectos. Mas em momentos oportunos ainda utilizo o termo emigrante para assinalar a saída do japonês do seu país de origem. A substituição de imigrante por estrangeiro se justifica neste trabalho em função de ser utilizada a psicanálise como referencial teórico tanto para definir o trauma quanto para articular a condição do imigrante/estrangeiro com o conceito de estranho⁷ de Freud (1919).

A proposta que lanço mão nesta apresentação é interrogar qual é a posição subjetiva ou o ‘lugar’ em que o estrangeiro japonês está situado no tocante a sua organização psíquica e indentificatória e quais foram os efeitos derivados dessa

5 Mestrando do Programa de Pós-graduação em psicologia da Universidade Estadual de Maringá.

6 Professora titular da graduação e pós-graduação da Universidade Estadual de Maringá.

7 A despeito das várias controversas com relação à tradução deste conceito, opto em preservar a tradução da *Standart Editions* de 2006, que define como estranho.

condição na subjetividade dos descendentes. Para entendermos o fenômeno emigratório japonês farei uma breve incursão sobre o tema.

O estrangeiro japonês que chegou ao Brasil estava marcado por um contexto em seu país que não se deve ignorar, pois acredito que este fato pode influenciar diretamente na forma como elaboraram sua nova realidade. Pode-se dividir em dois grandes períodos emigratórios no Japão; o pré e o pós-Segunda Guerra Mundial; respectivamente 1908-1941 e 1952-1988. A importância de se dividir em dois grandes períodos a emigração japonesa se deve ao fato de que os japoneses do primeiro período tinham diferenças importantes com relação aos do segundo. A insígnia principal do primeiro emigrante era o espírito cultural no qual estava vivendo o Japão. Esses japoneses tinham acabado de passar por um recente fim do feudalismo japonês, passando por uma reforma política e econômica que eles nunca tinham vivenciado antes.

A reforma é chamada de Reforma Meiji, em que o imperador resgata seu poder de governar, juntamente com conselheiros políticos e outros cargos de gabinete, em detrimento do poder centralizado na figura do shogun/militar Tokugawa. Com a reforma visava-se uma ocidentalização do Japão, com pressupostos democráticos e de avanço industrial e econômico. No entanto, essa ocidentalização ficou apenas no plano político e econômico, pois os japoneses ainda não haviam incorporado essa nova ideologia ocidental. Isso viria a concretizar-se no pós-guerra, uma vez que passou a existir um agente fiscalizador para tal feito, os Estados Unidos.

Como toda manobra política gera efeitos colaterais, com a do Japão não foi diferente. O efeito foi que inúmeros japoneses que estavam acostumados com uma política de subsistência e de trocas de mercadorias ao invés da utilização de moeda em espécie, ficaram miseráveis perdendo suas terras ou tiveram que alienar suas propriedades por não conseguirem saldar os altos tributos que eram cobrados para rodar a máquina do governo. São esses japoneses que passarão a habitar o solo brasileiro a partir de 1908. O resultado disso foi a adoção do governo japonês de estratégias emigratórias para lugares pouco habitados no Japão, para países fronteiriços, tais com a China e Manchúria, e também para outros países mais distantes, tais como Austrália, Canadá, Havaí, dentre outros.

O que sobressalta aos nossos olhos é que a Era Meiji é um período de transição, um espaço *intervalar* entre a tradição oriental e a ocidental. Sabendo que todo período de transição é conturbado, que japonês é esse que vivencia esse período? Parece que o drama shakespeariano é atualizado com a dúvida: ser ou não ser japonês? Através dos trabalhos de Nogueira (1984) suas conclusões nos indicam que

ser japonês era o caminho mais escolhido por eles, pois a ambicionada ocidentalização foi ocorrer somente após a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial.

Como ressaltado anteriormente, esses primeiros emigrantes mantiveram uma identificação muito forte com os ideais japoneses oriundos do período feudal, em que eram totalmente apartados de qualquer contato com outros países. Existia neles uma devoção quase religiosa a figura do imperador e ao país de origem, que os tornavam impermeáveis à cultura com a qual se defrontavam nos países que chegavam. Qual a leitura que podemos fazer, calcado em raízes psicanalíticas, acerca deste mecanismo de recusa de outra cultura, para além das análises já feitas por historiadores, sociólogos e antropólogos?

O que fica em evidência, são as condições que os japoneses estavam vivendo no Japão nessa época de reforma política. A pobreza era a característica mais marcante e fatídica, uma vez que enquanto alguns conseguiram enriquecer com o novo modelo econômico de forma oportuna, outros depauperaram. No entanto, os estudos indicam que a devoção ao país de origem e ao imperador nunca deixou de existir, mesmo sabendo que foi ele quem determinou as mudanças já citadas. A intenção dos emigrantes era de juntar dinheiro e, rapidamente, voltar para o país de origem. Mas não era isso que acontecia, sobretudo quando decidiram ganhar as terras brasileiras. No momento em que chegaram ao Brasil, suas condições eram precárias em todos os sentidos. Não ganhavam dinheiro suficiente nem para saldar suas dívidas com os colonos, sendo submetidos a uma espécie de cárcere.

Ao constatarem tal realidade, já perceberam que a volta para a terra mãe não seria breve como haviam imaginado e desejado. Com o passar dos anos, muitos japoneses conseguiram sair do ofício da agricultura e adentraram no ramo do comércio. Muitos foram se estabelecendo no país estranho e deixando seu sonho original de lado; o regresso ao Japão. Foram firmando raízes em solo brasileiro, mas sem deixar de ovacionar sua tradição japonesa. Em sua tese, Morales (2008) afirma que a maioria desses estrangeiros japoneses faziam questão de ensinar a língua japonesa como língua materna e o português como segunda língua. No entanto, os negócios começaram a prosperar e o regresso ao Japão tornara-se um sonho esquecido, mas tentaram trazer o Japão para o solo brasileiro, na medida em que se blindaram as influências culturais brasileiras.

Essa característica adotada pelos estrangeiros japoneses, a meu ver, durou até a segunda geração dos descendentes, pois a partir dela começou a ocorrer um distanciamento dos descendentes da terceira geração das tradições japonesas. Até

então, o estrangeiro estava vivendo num *intervalo* entre duas filiações, a japonesa e a brasileira. Uma pequena prova disso é extraída da forma como o governo japonês trata dos emigrantes que foram vítimas das bombas atômicas. Eles não têm os mesmos direitos médicos do que os que permaneceram no país. Enquanto que no Brasil existiam leis específicas para estrangeiros, demonstrando que não pertenciam ao país, uma vez que tinha de existir leis diferentes para eles. Mas se não são filiados nem pela cultura japonesa e nem pela brasileira, afinal, o que são? Onde calcar suas raízes identitárias?

A hipótese para isso é que o estrangeiro viveu, até a segunda geração, uma espécie de '*suspensão subjetiva*', transitando entre a filiação japonesa e brasileira sem se decidir em qual se enraizar. Parece, contudo, que a partir da terceira geração, os estrangeiros decidiram não mais serem estrangeiros e optaram a se ocidentalizar, seja através da miscigenação das etnias, do abandono dos costumes orientais ou mesmo através das cirurgias de ocidentalização⁸. Cada vez mais o estrangeiro busca apagar suas origens através desses atos de supressão cultural, mas, sobretudo, as marcas físicas de seus rostos e corpos.

Para a psicanálise é possível de se interpretar que isso pode ter uma relação com a elaboração dessa condição de não ter uma filiação, uma possível elaboração dessa compulsão à repetição marcada pela estranheza⁹ causada por esse passado tão sofrido, que é atualizada a todo o momento em que o estrangeiro se deparava com sua própria imagem. Podemos concluir, por ora, que a estranheza é convocada a partir de sua própria imagem de estrangeiro, e que ao optar em suprimir suas marcas de estrangeiro, inicia-se um processo elaborativo desse estranho que o habita.

Referências

Nogueira, A. R. (1984). *Imigração japonesa na história contemporânea do Brasil* (1a ed.) São Paulo: Massao Ohno Editor.

Freud, S. (2006 (original publicado em 1915)). *O estranho*. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. XVII, pp. 235-276). Rio de Janeiro: Imago.

⁸ Cirurgia que modifica a estética do olho ao aumentar e produzir 'dobras' na parte superior da pálpebra.

⁹ Conceito de Estranho de Freud (1919/2006) que indica um sentimento que surge em todos os momentos em que o sujeito não se reconhece ou não vê uma lógica diante de um fato. Na realidade esse sentimento tem relação com o retorno do recaiado em que marca uma expressão de uma cena infantil inconsciente.

Laplanche, J. (2003). Três acepções da palavra “inconsciente” no quadro da Teoria da Sedução Generalizada. (Marcelo Marques, Trad.). Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, 3. Porto Alegre: SPPA.

Yamashiro, J. (1964). Pequena história do Japão (2a Ed.) São Paulo: Herder.

Trauma e culpa no testemunho de Primo Levi

Geisi Mara Rodrigues*¹⁰

Viviana Carola Velasco Martinez¹¹

*Desde então, a hora incerta, / Aquela pena regressa, / E
se não encontra quem a escute, / Queima no peito o coração.
/ Olha de novo os rostos dos companheiros / Lívidos
na primeira luz, / Cinzentos do pó de cimento, /
Imperceptíveis na bruma, / Os seus sonhos manchados de
morte e angústia: / À noite apertam as suas mandíbulas / E
sob o peso longo dos sonhos / Ruminam invisíveis nabos.
/ «Para trás, fora daqui, / Afastai-vos. Eu não suplantei ninguém,
/ Não usurpei o pão de ninguém, / Ninguém morreu
em meu lugar. Ninguém. / Retornem às vossas brumas. /
Não é a minha culpa se vivo e respiro / Se como e se bebo,
se durmo e estou vestido».*

Primo Levi

Introdução

O objetivo deste trabalho é discutir o aparecimento da culpa no sobrevivente de uma catástrofe, isto é, a vivência da culpa após uma situação traumática. Para explorar esse fato, buscamos recursos na narrativa testemunhal do sobrevivente de campo de concentração Primo Levi, mais especificamente nos livros *É isto um homem?* e *Os afogados e os sobreviventes*.

Primo Levi é um químico italiano, nascido em Turim o ano de 1919. Descendente de judeus, conseguiu frequentar a faculdade porque entrou nela em 1937, um ano antes que as leis fascistas impedissem o ingresso dos judeus à universidade. Mesmo com a continuidade dos estudos garantida, Levi ouvia os adjetivos de avaro, estrangeiro, sujo, perigoso e pérfido; buscou na dedicação aos estudos uma reação para o que sofria. Graduou-se com louvor e seu diploma trazia a frase “de raça judia”. Desde a faculdade, Levi frequentava grupos de estudantes antifascistas, mas é depois de formado que ele se afilia a partidos políticos. Foi preso aos 24 anos, em dezembro 1943, quando fazia parte de um grupo guerrilheiro, no início do ano seguinte foi entregue aos alemães e enviado, juntamente com outros

¹⁰ Psicóloga, formada pelo Centro Universitário de Maringá.

Mestranda em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá, linha de pesquisa Psicanálise e Civilização.

¹¹ Doutora em Psicologia Clínica, Núcleo de Psicanálise, PUC-SP, 2003.

Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá.

Coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Psicanálise e Civilização.

Professora do Mestrado em Psicologia da UEM, linha de pesquisa Psicanálise e Civilização.

prisioneiros, à Buna–Monowitz, que fazia parte do complexo dos campos de concentração de Auschwitz. Foi libertado em 1945 com o fim da Segunda Guerra Mundial. É sobre as experiências de horror vividas nesse *Lager*¹² que Levi narra em diversos livros, sendo o mais conhecido *É isto um homem?* (1947), mas também ganham destaque *A trégua* (1963) e *Os afogados e os sobreviventes* (1986). Morreu em 1987, ao cair no poço da escadaria do prédio onde morava, pairando a dúvida sobre um possível suicídio¹³.

É sobre os horrores relatados por Primo Levi que trabalharemos daqui em diante, enfatizando as auto-acusações e a culpa que aparecem em sua escritura. Os sentimentos de culpa e de inferioridade, afirma Herman (2004), são quase universais aos sobreviventes de situações traumáticas, pois, após o acontecimento, esses reavaliam e julgam a própria conduta. A culpa é piorada, continua a autora, quando se é testemunho do sofrimento e morte de outrem. Mannoni (1995), afirma que os sobreviventes de genocídios sentem como se suas vidas se devessem à morte de outros.

Mas a culpa se restringiria ao fato de ter sobrevivido? Que outros aspectos da vivência traumática contribuiriam para o aparecimento da culpa no sobrevivente? É nessa direção que nosso trabalho se direciona conduzido pela Teoria da Sedução Generalizada de Jean Laplanche.

A situação traumática

Após a Segunda a Guerra Mundial, surge uma intensa produção de literatura de testemunho, uma narrativa em que se conta em primeira pessoa as vivências da *Shoah*¹⁴, uma das piores catástrofes da humanidade e produtora de inúmeros traumas. A produção significativa dessa literatura ocorreu, principalmente, após os julgamentos de Nuremberg e de Eichmann em Jerusalém (Wieviork 1998, citada por Seligmann-Silva, 2009). Tal produção testemunhal levou Seligmann-Silva (2005) a afirmar o seguinte: “Lembrando duas expressões que se tornaram famosas nos últimos anos,

12 *Lager* é uma palavra alemã que designa campo de concentração ou de extermínio, optamos por utilizá-la por ser recorrente nos textos de Primo Levi.

13 Sobre esse aspecto realizamos uma discussão maior na dissertação de mestrado que está sendo elaborada, sob orientação da professora Dra. Viviana Carola Velasco Martinez, sobre a narrativa testemunhal e o suicídio de seus autores.

14 *Shoah* é um termo hebraico que significa catástrofe ou devastação, tem sido usado no lugar de holocausto, pois esse remete a uma ideia de morte como sacrifício (Danziger, 2007).

respectivamente de Hobsbawm e de Shoshana Felman, podemos dizer que à ‘era das catástrofes’ corresponde-se a ‘era dos testemunhos’.” (p. 82). Não entraremos nos pormenores do campo da literatura de testemunho, mas, como já adiantamos, buscamos em um de seus maiores representantes, Primo Levi, a ilustração para discutir a culpa do sobrevivente após uma situação traumática.

Ao utilizarmos o termo “sobrevivente”, já encontramos implicitamente a noção de traumatismo psíquico, pois, de acordo com Roisin (2010), esse é produzido como efeito de uma efração no psiquismo decorrente de uma ameaça contra a vida do sujeito ou contra integridade física ou psíquica. Tal efeito é comum às catástrofes, caracterizadas pelo excesso de estímulos que irão levar, como descrito por Freud (1920/1996), em *Além do princípio do prazer*, à ruptura do escudo protetor, deixando o psiquismo inundado de uma energia desligada.

O trauma psíquico, segundo Laplanche (1985), conserva a mesma noção de trauma físico, que é esse afluxo brutal de excitações, e a noção de efração, que é aquilo que invade o psiquismo e não se integra às demais representações, fica como um corpo estranho, (excluir:que é) o que mais adiante Laplanche (2003) chamou de inconsciente encravado. Mas, (excluir:a) o que destacamos, do afirmado por Laplanche (1985), é o efeito dessa efração que deixa o ego sem a ação das defesas normais e o processo primário se sobrepõe. Voltaremos a essas questões mais adiante para discutir a culpa no sobrevivente, pois passamos a descrever as situações traumáticas relatadas por Primo Levi.

Uma “viagem” de trem. Assim inicia-se o terrível tormento de Levi e seus companheiros. Despojados de sua humanidade, com fome, frio, sem roupas, sapatos, cabelos ou qualquer coisa que remetesse a sua vida anterior, nem mesmo a língua, são logo tatuados com o número que passa a ser seu nome e sua identidade. Levi é o número 147.517 e é um *Häftling* (prisioneiro). São esses sofrimentos, relatados (sem vírgula) por Levi (1947/1988), em *É isto um homem?*(sem vírgula) desde o início de sua prisão: os sofrimentos infringidos pelos SS¹⁵, pelos presos criminosos e até pelos próprios judeus¹⁶, os meios de sobrevivência, como o roubo e o comércio, até a

15 SS é abreviatura para *Schutzstaffel*, que significa Tropa de Proteção, denominação da polícia nazista.

16 Quanto a isso, Levi (1947/1988) afirma que regra do *Lager* é esta: “os privilegiados oprimem os não privilegiados” (p.43).

libertação do *Lager*, que não culmina com a volta para a casa. Há um longo caminho a ser percorrido, narrado em *A trégua*¹⁷.

Não cabe aqui fazer um imenso relato dos sofrimentos infligidos sobre os prisioneiros, mas, a partir das descrições do próprio Levi (1947/1988), podemos sintetizá-los do seguinte modo: os dias eram de sofrimento com trabalhos extenuantes, fome, pancadas, promiscuidade e medo; as noites eram de um corpo inchado pela sopa muito líquida, ingerida durante o dia, e de pesadelos com as imagens dos sofrimentos do dia, bem como de dois sonhos repetitivos. Um dos sonhos trata-se de, já em casa, narrar as vivências terríveis e ouvir apenas o silêncio dos interlocutores, e o outro é o sonho de que está comendo normalmente - Levi o denomina de cruel.

Essa primeira narrativa é marcada, essencialmente, pelo relato vivido no *Lager*; os livros posteriores são compostos, principalmente *Os afogados e os sobreviventes*, de compreensões do vivido. E aí se encontram os pontos que pretendemos trabalhar, pois em tal livro fala-se da ofensa, da vergonha, do desmoraonamento moral, do ódio, e, principalmente, daquilo que, em seu primeiro livro, Levi qualificou como aniquilação do homem.

É no ano seguinte à publicação de *Entre os afogados e os sobreviventes* que Levi “salta ao vazio” (Rosenblum, 2002) e é encontrado morto no poço da escadaria de seu prédio. Embora a hipótese de suicídio seja controvertida, segundo a autora acima citada, é indiscutível a depressão no fim de sua vida.

O terror do *lager*: do excesso à culpa

A partir do relato de Levi (1986/2004) no livro *Os afogados e os sobreviventes*, ficam evidentes as vivências do *Lager* que incidiam, principalmente, sobre o corpo. Vejamos os seguintes exemplos, encontrados em Levi, no capítulo “Violência inútil”:

- nos trens em que se levavam os judeus deportados, esses se viam obrigados a defecar e urinar uns na frente dos outros e conviver com os dejetos;
- eram espancados pelos *Kapos*;

17 Levi, P. *A trégua*. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

- um novo *Kapo* espancava de modo convulsivo: no nariz, nas canelas, nos genitais;
- no *Lager Birkenau*, as mulheres tinham que usar a mesma vasilha para tomar sopa, evacuar durante a noite quando não tinham acesso à latrina, e para banhar-se quando havia água disponível;
- o regime alimentar, um litro de sopa por dia, fazia com que alguns prisioneiros não conseguissem controlar a urina; por sua vez, eram ridicularizados e punidos por isso;
- a nudez era recorrente e pública.

Em Psicanálise, quando se fala em corpo, não se está falando de um organismo biológico, mas de um corpo erógeno. O desenvolvimento da sexualidade infantil se dá a partir do *apoio* da pulsão nas funções vitais à vida. O apoio da pulsão na função vital a perverterá, pois ela, a função, não estará mais, apenas, a serviço da sobrevivência física da criança, mas como um meio de obter prazer (Laplanche, 1985). Encontramos o maior exemplo disso, como bem explicitado por Freud (1905/1996) em *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* e retomado por Laplanche, na sucção do bebê ao seio materno. No início, a sucção atende a uma necessidade de autoconservação, isto é, aplacar a fome, mas passa, concomitantemente à satisfação da fome, a uma excitação da região oral, e o bebê passa a sugar o seio e outros objetos com deleite; sugar passa a ser uma satisfação por si mesmo, não tem mais função de alimentação. Como afirma Laplanche (1985), o sexual perverteu o instinto. Instalou-se aí um registro sexual.

Mas, o que faz com que ocorra essa mudança da sucção para o chuchar? Tratar-se-ia de um percurso maturacional do *enfants*? Com a Teoria da Sedução Generalizada (TSG), é possível compreender que não se trata de uma mudança que parte do bebê, mas do adulto que oferece o seio e o leite carregados de significantes enigmáticos (Laplanche, 1992). A satisfação do bebê não se dá, apenas, pela simples satisfação nutritiva, mas porque o elemento que nutre é ofertado pelo outro humano, um outro sexuado, com um inconsciente e seus atos dirigidos à criança não se reduzem ao plano do autoconservativo. É no *plus* de cuidados do adulto que se instaura a sexualidade na criança (Bleichmar, 1994).

Como já expusemos anteriormente, muitos dos maus-tratos vividos pelos prisioneiros incidiam sobre funções vitais - fome, sede, frio, excreções -, mas, se as funções vitais do ser humano deixam de ser instintuais pela relação sexualizante com o outro humano, as experiências citadas não foram inscritas em um registro autoconservativo, mas em um registro sexual, um registro sexual infantil, isto é, polimórfico perverso. Tais vivências da ordem do polimórfico perverso vêm reativar aquilo que dormia sob a vigilância do recalque. Mas com um ego tão fragmentado pelas experiências de violação psíquica e corporal, como poderia a vítima reagir? Aí entra um aspecto importante para chegarmos à culpa: a ação do superego.

A compreensão do superego na TSG é de que esse é composto pelas mensagens enigmáticas que, por sua violência, são impossíveis de serem traduzidas, não são substituíveis por outra coisa, comportam-se tal qual o imperativo categórico (Laplanche, 1992).

Aquilo que vem do outro são mensagens enigmáticas; enigmáticas porque são contaminadas pela sexualidade inconsciente do outro e, portanto, desconhecido para si mesmo (Laplanche, 1992). Laplanche denomina duas categorias de mensagem: mensagem implantada e mensagem intrometida. Na mensagem transmitida por *implantação*, os significantes são transmitidos de modo cotidiano ou neurótico, enquanto na mensagem transmitida por *intromissão*, os significantes são violentos, invasivos e intrusivos (Matioli, 2011). Há ainda características nesses modos de transmissão da mensagem que nos ajudam a compreender, em parte, o traumático do *Lager*. Na mensagem implantada, o que está em questão é toda a superfície corporal, já a intromissão está muito mais ligada com a analidade e a oralidade. (Dallazen & Kupermann, 2008). Ora, não é justamente nesse último campo que as experiências do *Lager* se davam? Então, que caminhos tomam essas mensagens intrometidas?

As mensagens assim transmitidas, por intromissão, são situadas por Laplanche (2003) ao lado do fracasso radical da tradução, pois as mesmas permanecem no aparelho psíquico tais como são, não se metabolizam, não se transformam em outra coisa a não ser em si mesmas, não são recalçadas¹⁸ ficam *engravadas*. São, segundo Rezende Cardoso (2000), “mensagens-vereditos” que o sujeito precisa adotar; como não são metabolizáveis, não se tornam parte desse, o que vem do outro não é

¹⁸ Na TSG, o recalque é produzido pelo processo tradutivo, são os restos não traduzidos e tornam-se objetos-fonte da pulsão.

assimilado em si. São essas mensagens que formam o superego. O ego, por sua vez, impossibilitado de traduzir ou des-traduzir, transborda e fica à mercê de um pulsional des-ligado. Faz com que volte contra si mesmo o que o ataca. E, ocupado por essa força, sem condições de reagir com suas defesas normais, o ego é forçado a defender-se a partir dos imperativos categóricos, daquilo que lhe é estrangeiro, ou seja, daquilo que vem do superego (Cardoso, 2000). Isso leva a autora citada a concluir: “Se a culpa é, como nos diz Jean Laplanche, uma primeira maneira de concluir um pacto com a angústia, não seria ela uma forma, ainda que elementar, de resposta ao ataque, “resposta a uma perseguição inominável, sádica?”(ibid.; p. 27).” (p. 36).

O vivido no *Lager*, enquanto mensagens enigmáticas de caráter violento, como já dito, não metabolizáveis, é “alimento” para o superego. Como uma intuição de um processo assim, Levi (1963/2010) afirma que é com o *veneno de Auschwitz* nas veias que se volta para casa. É com esse veneno que ele julgou a si mesmo:

Os “salvos” do Lager não eram os melhores, os predestinados ao bem, os portadores de uma mensagem: tudo que eu tinha vivido me mostrava o contrário. *Sobreviviam de preferência os piores*, os egoístas, os violentos, os insensíveis, os colaboradores da ‘zona cinzenta’, os delatores. [...] Sobreviviam os piores, isto é, os mais adaptados; os melhores, todos morreram. (Levi, 1986/2004, p.7, grifos nossos)

Note-se que, por essa lógica da sobrevivência, para Levi, ele mesmo estaria do lado dos piores. Essas auto-acusações começaram a aparecer posteriormente à libertação. Em um capítulo intitulado “A vergonha”, Levi narra que, após a libertação do *Lager*, sobrevinha um momento crítico: esse era um momento de revisão, angústia e depressão. Alguns sobreviventes cometiam suicídio logo após a libertação. Durante o confinamento, o suicídio era raro e, para isso, Levi (1986/2004) traça três hipóteses: a primeira, é que os prisioneiros encontravam-se em condições de animais, sem opções ou escolhas, e o suicídio pertence ao humano, ao não natural ou instintual; a segunda hipótese é de que a preocupação com a sobrevivência não permitia pensar na idéia de morte; a terceira e última hipótese está relacionada com a culpa, e as palavras do próprio autor nos eximem de maiores explicações:

[...] na maior parte dos casos, o suicídio nasce de um sentimento de culpa que nenhuma punição conseguiu atenuar; ora, a dureza do cativo era percebida como uma punição, e o sentimento de culpa (se há punição, uma culpa deve ter havido) estava relegado ao segundo plano, ressurgindo após a libertação: em outras palavras, não era preciso punir-se com o suicídio por uma culpa (verdadeira ou suposta) que já se expiava com o sofrimento de todos os dias (p.66).

É após a libertação, já vivendo sobre a égide das leis da cultura, que a culpa pela submissão a esse gozo aparece. Levi (1963/2010) descreve que, no momento da libertação do *Lager*, os agora ex-prisioneiros, foram inundados por um doloroso sentimento de pudor, suas consciências e memórias estavam sujas e nada de puro poderia apagar tal passado.

Com essa descrição é possível pensar, a partir de Rezende Cardoso (2000), que os prisioneiros eram submetidos ao poder sexual do outro, ao imperativo de um gozo sádico. É essa violência do outro, isto é, um sexual no seu âmbito mais demoníaco, que invade o psiquismo do sujeito que continua, mesmo após a libertação do *Lager*, a atacá-lo, agora de dentro de si. Como afirma Uchitel (2001), o sujeito traumatizado é triplamente vítima, pois perdeu o objeto idealizado, foi objeto de agressão e, por fim, por converter-se ele mesmo em agressor.

Considerações finais

Finalizando o trabalho, podemos afirmar que, o contribui para a culpa do sobrevivente, é vivência passiva de uma sexualidade desorganizada provinda de um outro. O homem no *Lager*, algoz ou vítima, não agiu com instinto, pois homem é desamparado instintualmente, não possui montagens instintuais tal qual um animal. O arcaico do homem é sua sexualidade não domada, o animalesco no homem não é o instinto.

A impossibilidade de metabolização das vivências, não pela organização psíquica de quem as recebe, mas pelas características da própria mensagem veiculada nas experiências, torna impossível historizar o acontecido, torná-lo passado (Cardoso, 2011). E esse elemento estranho ao psiquismo passa a atacá-lo na forma de um pulsional des-ligado, a culpa entra como uma resposta possível (Cardoso, 2000).

E testemunhar é o fazer sobre essa sexualidade do ser humano, mas, ao fazê-lo, corre-se o risco de se expor ao juízo do outros, pois se fala desse lado demoníaco da pulsão dentro de uma cultura com códigos estabelecidos de conduta, ou seja, com uma sexualidade organizada sob o recalque. O descrédito ou as não-respostas ao testemunho viria como uma confirmação da culpa enquanto que, pelo contrário, as respostas serviriam como uma “desintoxicação” da culpa que toma conta do sobrevivente.

Referências

Bleichmar, S. (1994). *A fundação do inconsciente: destinos da pulsão, destinos do sujeito*. (K. B. Behr, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas Sul. (Trabalho original publicado em 1993).

Dalazen, L.; Kupermann, D. (2008). A violência é o destino? In: *Anais do III Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e IX Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental*. Niterói, RJ. Recuperado em 24 de junho, 2012, de www.psicopatologiafundamental.org/.../a_violencia_e_o_destino.pdf

Danziger, L. (2007, outubro). Shoah ou Holocausto: a aporia dos nomes. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG* . 1(1), 2007. Recuperado em 23 de junho, 2012, de <https://www.ufmg.br/nej/maaravi/artigoleiladanziger-shoah.html>

Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (vol. 7). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905).

Freud, S. (1996) “Além do princípio do prazer”. In: *Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 18). (J. Salomão. Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1920).

Herman, J. (2004). *Trauma y recuperación: cómo superar las consecuencias de la violencia*. Madri, Espanha: Espacia Calpe. (Trabalho original publicado em 1997).

Laplanche, J. (1985). *Vida e morte em psicanálise*. (C. P. B. Mourão; C. F. Santiago, Trans.). Porto Alegre: Artes Médicas.

Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. (C. Berliner. Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicada em 1987).

Laplanche, J. (2003). Três acepções da palavra “inconsciente” no quadro da Teoria da Sedução Generalizada. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 3, (10), p. 403-418.

Levi, P. (1988). *É isto um homem?*. (L. Del Re, Trad.). Rio de Janeiro: Rocco. (Trabalho original publicado em 1947).

Levi, P. (2010). *A trégua*. (M. Lucchesi, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1963)

Levi, P. (2004). *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*. (2. Ed.). (L. S. Henriques, Trad.). São Paulo: Paz e Terra. (Trabalho original publicado em 1986).

Mannoni, M. (1995). *Amor, ódio, separação: o reencontro com a linguagem esquecida da infância*. (V. Ribeiro, Trad). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1976).

Matioli, A. S. (2011). *Um estudo psicanalítico da separação conjugal: as mensagens enigmáticas de pais separados dirigidos aos seus filhos*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR.

Rezende Cardoso, M. (2000, junho). O superego: em busca de uma nova abordagem. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 2(3), 26-41. Recuperado em 04 de junho, 2012, de <http://www.psicopatologiafundamental.org/pagina-volume-3-numero-2-junho-de-2000-305>

Rezende Cardoso, M. R. (2011, março). Das neuroses atuais às neuroses traumáticas: continuidade e ruptura. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, 1(14), p. 70-82. Recuperado em 18 de julho, 2011, de www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415...

Roisin, J. (2010). *De la survivance à la vie: essai sur le traumatisme psychique et sa guérison*. Paris: PUF, 2010.

Rosenblum, R. (2002, outubro). ¿Se puede morir de decir? Sarah Kofman, Primo Levi. *Psicoanálisis APdeBA*, 24 (1/2), p. 147- 176. Recuperado em 7 junho, de 2011, de www.apdeba.org/.../01.../rosenblum.pd...

Seligmann-Silva, M. (2005, junho). Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. *Proj. História, São Paulo*, (30), p. 71-98. Recuperado em 19 setembro, 2011, de revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/2255/1348

Seligmann-Silva. (2009). Testemunho da Shoah e literatura. In: *X Jornada Interdisciplinar Sobre o Ensino da História do Holocausto “Holocausto: crime contra a humanidade”*. Palestra. São Paulo, Brasil. Recuperado em 28 de maio, 2012, de <http://www.ensinosobreholocausto.com.br/downloads/jornada2/conteudo12.pdf>

Uchitel, M. (2001). *Neurose traumática: uma revisão crítica do conceito de trauma* (Coleção Clínica Psicanalítica). São Paulo: Casa do Psicólogo.